

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

Título

Base Nacional Comum Curricular e currículos: imposições e criatividade, tensões e disputas entre estratégias e táticas

Autores

José Faustino de Almeida Santos

Ano de publicação

2021

Referência

SANTOS, José Faustino. Base Nacional Comum Curricular e currículos: imposições e criatividade, tensões e disputas entre estratégias e táticas. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, 2021.

Recebimento: 20/10/2021

Aprovação: 04/12/2021

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E CURRÍCULOS: IMPOSIÇÕES E CRIATIVIDADE, TENSÕES E DISPUTAS ENTRE ESTRATÉGIAS E TÁTICAS

BRAZILIAN NATIONAL CURRICULUM AND CURRICULA: IMPOSITIONS AND CREATIVITY, TENSIONS AND DISPUTES BETWEEN STRATEGIES AND TACTICS

Resenha do livro: CÁSSIO, Fernando; CATELLI JÚNIOR, Roberto. (Orgs). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

José Faustino de Almeida Santos¹

A obra em tela traz com clareza, em sua apresentação, os objetivos, estrutura, objeto, questões norteadoras e suas concepções de educação, currículo, ensino, aprendizagem entre outros. Para compreender a proposta do livro, acreditamos ser oportuno explicitar, ainda que parcialmente, o lugar social dos organizadores e autores para contornar, ao menos, parte do modo como se articulam esses educadores entre si, como mencionado no subtítulo.

A obra, composta por vinte capítulos, é organizada por Fernando Cássio e Roberto Catelli Jr., que também assinam alguns capítulos como autores e coautores. Cássio atua na Universidade Federal do ABC – UFABC investigando temas como Direito à Educação e Políticas Públicas

¹ Doutorando em Educação pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: jose.faustino@baraodemaua.br

e, Catelli Jr. trabalha com educação de jovens e adultos na ONG Ação Educativa e no Colégio (privado) Santa Cruz, em São Paulo.

Na apresentação da obra, os organizadores/autores assumem como motivação o

[...] questionamento da tese oficial dos proponentes da BNCC de que houve ampla participação social no processo de elaboração da Base. Também se questiona a forma como os debates públicos da BNCC foram conduzidos pelo Governo Federal nos últimos três anos [...] (CÁSSIO; CATELLI JR, 2019, p. 6).

A apresentação explicita também a trajetória, ainda que de forma breve, da elaboração da BNCC que teve três versões, lançadas respectivamente em setembro de 2015, maio de 2016 e abril de 2017 para o Ensino Infantil e Ensino Fundamental e, em abril de 2018, para o Ensino Médio. A descrição dessa trajetória inclui o processo de impedimento da Presidente Dilma Rousseff em 2016, as mudanças de ministro da Educação e menciona o governo responsável pelo início efetivo da implementação, Jair Bolsonaro.

O texto de apresentação também mostra a estrutura da obra, composta por três partes. Segundo os organizadores, os capítulos da primeira parte

[...] analisam a BNCC como política educacional, e abordam desde o debate dos "direitos de aprendizagem" e das políticas para o Ensino Médio até as questões de gênero, chave importantíssima da disputa política encetada por grupos ultraconservadores neste último período. Os capítulos da PARTE II trazem uma análise mais pormenorizada da BNCC pelas lentes das diferentes disciplinas, áreas de conhecimento e etapas da Educação Básica. Finalmente, na PARTE III, são discutidas duas ausências da BNCC: a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos. (CÁSSIO; CATELLI JR, 2019, p. 7).

Ainda na apresentação, menciona-se o desejo de contribuir para que os profissionais da Educação Básica possam construir uma visão crítica sobre a BNCC e refletir sobre os avanços e retrocessos que ela

pode representar, pois a produção do currículo escolar não é limitada à execução do referencial curricular oficial, mas se efetiva nas interações que ocorrem na sala de aula, onde professores e alunos podem interagir movidos por uma curiosidade e uma ética de ensinar e aprender pautada na convivência, na indagação, no diálogo. Essa ideia é importante na obra e perpassa os diversos capítulos. No geral, os autores alimentam a esperança de que as fragilidades da BNCC por eles apontadas sejam suplantadas pela ação docente e discente, no cotidiano escolar, ou no âmbito do "currículo em ação", como denominou Gimeno Sacristán (2000).

As três partes da obra são compostas de forma desigual, respectivamente por cinco, treze e dois capítulos. A primeira, denominada "A BNCC como política educacional", é iniciada com o capítulo intitulado "Existe vida fora da BNCC?", de autoria do também organizador, Fernando Cássio. O texto apresenta a trajetória do processo de elaboração da BNCC de forma detalhada; para evidenciar, por exemplo, a crise política que marcou a construção do documento, o autor oferece um quadro com cada versão da BNCC, sua respectiva data de divulgação, governo, ministro da Educação, número de páginas, e acrescenta observações, tais como homologação do ministro, embargo da versão, se foi debatida em audiências públicas, seminários, entre outras.

Fernando Cássio ainda discute aspectos mercadológicos – por exemplo corporações diretamente interessadas na BNCC – e aponta as possibilidades vindouras, o que inclui a crítica ao modelo de participação falacioso da democracia representativa, o sequestro ideológico dos chamados direitos de aprendizagem e o centralismo das políticas educacionais em uma base.

Os demais artigos da parte I - "Capítulos do desmonte do ensino", "BNCC e o avanço neoliberal nos discursos sobre educação", "Gênero na BNCC: dos ataques fundamentalistas à resistência política" e "O que

Paulo Freire e Anísio Teixeira diriam sobre a BNCC?" - buscam contornar as políticas educacionais brasileiras como território de disputas em torno dos desejos privatistas que têm aproximações conjunturais com grupos fundamentalistas como aqueles que acusam os estudos de gênero de ideológicos. Esse tipo de aproximação de grupos conservadores foi marcante no contexto de elaboração da BNCC, juntos procuraram constranger qualquer horizonte de escola pública, laica, gratuita e universal como pensado por Freire e Teixeira. Seus autores têm origens institucionais e formações diversas, mas convergem no que se refere à pesquisa educacional.

A segunda parte da obra, que contempla o maior número de capítulos, tem como tema central a "A BNCC na sala de aula" e busca discutir a BNCC a partir dos diferentes campos disciplinares que constituem os currículos escolares. São textos escritos por professores e pesquisadores de formação variada que ajudam a compreender os impactos dessa política pública a partir das especificidades de cada disciplina.

Um olhar sobre os autores e seus pertencimentos institucionais revela a centralidade de um grupo de professores ligados à UFABC e de membros da Rede Escola Pública e Universidade – REPU que, somados correspondem a dez dentre os dezoito autores (e coautores) da parte II do livro. Dito de outra forma, o livro parece ter um núcleo constituído como produto de um grupo heterogêneo de professores e pesquisadores, oriundos de diferentes áreas disciplinares, capaz de tratar dos temas educacionais a partir de suas áreas específicas por meio da articulação com uma base teórica comum, provavelmente construída coletivamente, o que permite certa complementaridade das diversas análises.

Não se trata, todavia, de uma obra fechada pois, em que pese a intensa participação dos docentes da UFABC e da REPU, observa-se a adesão de outros onze professores e pesquisadores de diferentes áreas

do conhecimento (incluindo uma jornalista) e diversas instituições, inclusive do ensino básico.

A terceira e última parte da obra, “Ausências na BNCC”, é composta por apenas dois capítulos; o primeiro é intitulado “Qual o lugar da Educação Especial na BNCC?” e, o segundo, “O não-lugar da Educação de Jovens e Adultos na BNCC”, escritos respectivamente por Claudia Regina Vieira e Roberto Catelli Jr.

Ambos os textos causam dor ética, põe o dedo na ferida da exclusão e da indiferença. Tanto pessoas com deficiência como aqueles que tiveram cerceado o seu direito à educação por razões sociais, econômicas, culturais compõem grupos que não são lembrados na BNCC; se mencionados, observa-se a prevalência de estereótipos, generalizações, preconceitos. Os textos nos colocam de frente com o que poderíamos chamar de papel social da educação em relação ao qual a BNCC é carregada de silêncios e lacunas, o que evidencia a qual projeto de sociedade esse documento está atrelado.

Diante disso, a leitura da obra em questão possibilita, sob nossa ótica, que docentes, pesquisadores e demais interessados se debrucem sobre o tema para compreender e denunciar esses silêncios, propor ações capazes de preencher essas lacunas de forma criativa e crítica e dar a ver práticas de subversão do currículo. Nas palavras de Cássio (2019, p. 37), sempre existirá vida para além das políticas curriculares que desejam controlar e diminuir possibilidades de criação e interação, segundo ele “[...] enquanto houver escolas e enquanto houver professores existirá vida fora da BNCC.”

A respeito das possibilidades existentes no campo do currículo em ação, da criação crítica, da interação dialógica entre professores e alunos há um vasto campo para investigações que pode ser interpretada a partir de diferentes perspectivas teóricas. Uma que nos parece pertinente é aquela oferecida pelo historiador francês Michel de Certeau.

Para interpretar as ações dos homens ordinários, o autor pensou no chamado modelo polemológico que tem por base a relação embricada entre estratégias e táticas. Estratégias se situam no campo do “[...] cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado [...]” (CERTEAU, 2008, p. 99). Já a tática é a arte do fraco, uma ação calculada que aproveita da ausência de um outro, ou ainda em um lugar que não é o seu, até porque a tática é situada em um “não-lugar”, “[...] aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva [...]” (CERTEAU, 2008, p. 100), vigilante, aproveita da oportunidade que lhe é oferecida apenas por um instante possibilitadas pelas falhas de controle do poder proprietário, “[...] aí vai caçar. Cria surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.” (CERTEAU, 2008, p. 101).

Segundo o próprio Certeau (2008), esse modelo explicativo é antes militar do que científico, porém é muito profícuo para descrever e analisar as artes do fazer, os usos e os consumos diversos que ocorrem no cotidiano, inclusive das classes populares, formadas por indivíduos ordinários, para usar termos certeunianos.

Depois de trabalhos memoráveis que investigaram a produção, distribuição e circulação dos bens culturais, Certeau (2008) propõe a investigação sobre os diferentes modos criativos, algumas das diversas táticas elaboradas no âmbito dos usos desses produtos, ritos, até mesmo no campo da linguagem. O autor esclarece,

Meu trabalho não visa diretamente a constituição de uma semiótica. Consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo, no ponto de partida, que são do tipo tático. Habitar, circular, fala, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis dos “fracos” na ordem estabelecida pelo

“forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polifórmicas, achando alegres, poéticos e bélicos. (CERTEAU, 2008, p. 103 – 104).

O consumo para ele não é restrito a reprodução, ao contrário, é dotado de astúcia e subversão, mas o faz de modo clandestino, fragmentado, diverso, quase invisível, por isso, é comum que seja desconsiderado, não é percebido, pois “[...] não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos.” (CERTEAU, 2008, p. 94).

Nesse sentido, aquelas práticas que são consideradas vulgarizações ou degradações de uma cultura podem ser tomadas como revanches que as táticas utilizadoras ou consumidoras produzem frente ao poder dominador da produção. Por conta disso,

[...] o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre eles (que deles se serve) e esses produtos (indícios da “ordem” que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles. (CERTEAU, 2008, p. 95).

Segundo o historiador, a melhor forma de analisar os usos é tomá-los por si mesmos, trata-se de considerar os “[...] combates ou jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender.” (CERTEAU, 2008, p. 97). Tais assertivas fazem emergir muitas perguntas sobre o processo de implantação da BNCC, por exemplo, como os professores e alunos podem subverter os usos, dar golpes na recepção ou no consumo das orientações estratégicas dos currículos engendrados a partir da BNCC? Quais possibilidades de uso e consumo podem contribuir para a elaboração de currículos criativos? É possível elaborar currículos pautados por táticas que dialoguem com alunos e professores e ao mesmo tempo contemple as estratégias da BNCC? Com fazer esse diálogo?

Enfim, se de um lado podemos ter esperança, pois o “currículo em ação” é espaço da criatividade, da inventividade, da caça fortuita, da inovação e do dinamismo; se é verdade que “[...] contra toda tentativa de controle, enquanto houver escolas e enquanto houver professores existirá vida fora da BNCC”, também é preciso perguntar, auxiliados por Certeau (2008, p. 102), quais articulações entre professores e alunos podem favorecer “[...] uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder [...]” representado pela BNCC?

REFERÊNCIAS

CÁSSIO, Fernando e CATELLI JÚNIOR, Roberto. (Orgs). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CÁSSIO, Fernando. Existe vida fora da BNCC? In: CÁSSIO, Fernando e CATELLI JÚNIOR, Roberto. (Orgs). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019. p. 13 – 39.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: arte de fazer.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIMENO SACRISTÁN. José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.